

Vol XV, Ano 15, Núm 1, jan-jun, 2022, pág. 181-193.

METAEPISTEMOLOGIA DE CONTEXTO: NARRATIVAS SOBRE DECOLONIALIDADE E COMPLEXIDADE

Igor Câmara
Jesus Lara Vargas
Sueely Mascarenhas

Resumo: Este artigo busca discorrer e compreender a complexidade humana no sentido de promover rupturas metaepistemológicas dos saberes eurocêntricos instituídos de forma violenta pelos colonizadores europeus na América Latina. Na atual conjectura humana, há uma necessidade de romper paradigmas instituídos como por exemplo: únicos saberes, única religião, uma cultura, um só pensamento etc. Neste vies, “o pensamento decolonial tem contribuído para pensar a América Latina uma ruptura epistêmica com a retórica da modernidade e a lógica da “da colonialidade do poder” e suas atribuições”. Não obstante, este artigo não tem a finalidade de propor uma epistemologia universal para a pesquisa no campo decolonial, mas apontar caminhos possíveis e propor possibilidades metodológicas que eventuais investigadores pretendem pesquisar. Saúdo a todos e todas que lerem este manuscrito com a intenção de desconstruir para reconstruir a nossa identidade e outras realidades criativas.

Palavras chaves: metaepistemologia de contexto; complexidade; decolonial, eurocentrismo, saberes.

Resumen: Este artículo busca discutir y comprender la complejidad humana para promover rupturas metaepistemológicas del conocimiento eurocéntrico instituido violentamente por los colonizadores europeos en América Latina. En la actual conjetura humana, existe la necesidad de romper paradigmas establecidos como: conocimiento único, religión única, cultura única, pensamiento único, etc. De esta manera, “el pensamiento descolonial ha contribuido a pensar en América Latina como una ruptura epistémica con la retórica de la modernidad y la lógica de “la colonialidad del poder” y sus atribuciones”. Sin embargo, este artículo no pretende proponer una epistemología universal para la investigación en el campo decolonial, sino señalar posibles caminos y proponer posibilidades metodológicas que los potenciales investigadores pretenden investigar. Saludo a todos los que leen este manuscrito con la intención de deconstruirlo para reconstruir nuestra identidad y otras realidades creativas.

Palabras llave: meta epistemología de contexto; complejidad; decolonial, eurocentrismo, conocimiento

Introdução.

Este artigo se propõem a idealizar uma outra maneira de compreender o ser humano e sua (as) complexidade (es) inerente (es) considerando as diversas realidades

neste mundo constituído e no universo cósmico, o qual como seres espirituais naturais estamos inseridos.

Para fins deste artigo, consideramos que a ideologia, religião⁴ e cultura eurocêntrica de forma racista e misógina, desde os tempos coloniais promoveram graves atrocidades contra outras culturas e realidades dos povos milenares. Atrocidades, estas, que são ocultadas nos livros, jornais, e meios de comunicação, visto que, expõem o lado sombrio dessa suposta “civilização ou cultura padrão” o qual muitos ainda acreditam que seja⁵.

Não é equivocado afirmar que o mundo ocidental está em crise e podemos dizer que em declínio estrutural considerando que o pensamento europeu é uma ideologia que até o presente momento predomina na sua grande parte em países que se autoproclamam democráticos. O eurocentrismo, dada a história, conseguiu impregnar dentro de outras civilizações como por exemplo as dos povos originários os supostos “valores morais e religiosos” para que aqueles que não fossem europeus se adequassem a esse único pensamento.

Para o colonizador europeu os povos originários não possuíam alma, sustentados em uma bula papal que afirmava esse dogma favorecendo dinâmicas escravizadoras e de saque das riquezas dos territórios invadidos. Por isso, compreendemos a necessidade de dissertar sobre “[...] de um dos conceitos-chave do "giro decolonial", Qual seja, a "colonialidade", bem como suas derivações, especialmente "colonialidade do poder"⁶, "colonialidade do ser"⁷ e "colonialidade do saber"⁸ (Castro-Gómez; Grosfoguel, 2007).

⁴ Vede a obra do autor Juan Antonio Estrada, *Imágenes de Dios*, Trotta, Madrid, 2003.

⁵ O presente estudo objetiva discutir como o pensamento decolonial pode ser apropriado pela educação no contexto amazônico. Entende-se o tema como essencial para pensar a teoria em um contexto crítico, dada a necessidade de desfazer estereótipos colonizadores, principalmente no que tange à figura indígena, cujo “epistemicídio” de que são vítimas acaba sendo absorvido por docentes e discentes na região amazônica. (SILVA, MASCARENHAS, 2018, p. 202)

⁶ Segundo as autoras Spyer Dulci e Malheiros (2021, p. 176) “O conceito-matriz “colonialidade do poder” diz respeito às várias dimensões de poder constitutivas do colonialismo e de seus legados que permanecem na contemporaneidade (Quijano, 1992, 2005). Para Aníbal Quijano, o mundo “que começou a formar-se com a América, tem em comum três elementos centrais que afetam a vida cotidiana da totalidade da população mundial: a colonialidade do poder, o capitalismo e o eurocentrismo” (Quijano, 2005, p.123).

⁷ Segundo Quijano, “Todo esse acidentado processo implicou no longo prazo uma colonização das perspectivas cognitivas, dos modos de produzir ou outorgar sentido aos resultados da experiência material ou intersubjetiva, do imaginário, do universo de relações intersubjetivas do mundo; em suma, da cultura (Quijano, 2005, p. 111). Ainda complementamos e afirmamos que “[...] a “colonialidade do saber” é resultado de “um legado epistemológico do eurocentrismo que nos impede de compreender o mundo a partir do próprio mundo em que vivemos e das epistemes que lhes são próprias” (Porto-Gonçalves, 2005, p.4).

⁸ Segundo Dulci e Malheiros (2021, p. 176) asseveram que: “Por sua vez, a “colonialidade do ser” é um conceito criado por Walter Dignolo (2003, 2014), que foi desenvolvido por Néelson Maldonado-Torres (2007, 2009), fruto da “colonialidade do poder” e da “colonialidade do saber” e procura tratar dos efeitos da colonialidade vivenciada pelos sujeitos subalternos. Nesse sentido, a “colonialidade do ser” refere-se à experiência vivida dos seres tomados como inferiores, processo que naturaliza as violências físicas e simbólicas. (SPYER DULCI E MALHEIROS, 2021, p.176)

Essa tricotomia⁹ do saber colonial instituída e sistematizada, em tese, sujeita os indivíduos as suas demandas, colocando-os em uma suposta posição de inferioridade frente a cultura européia. Rupturas epistemológicas e metodológicas ativamente precisam ocorrer. Uma dessas rupturas que devem ocorrer é no sentido de não romantizar a colonização, considerando que foi um processor extremamente violento^{1*} (MASCARENHAS, 2017) e assassino e esse lado sombrio necessita ser exposto a luz por pesquisadores decoloniais e da metaepistemologia dos contextos, considerando a *Carta de la transdisciplinarietà*.¹¹

Neste sentido, faz-se necessário discorrer crítica e objetivamente sobre a definição e ramificações da colonialidade que foram impostas de forma violenta e assassina aos colonizados, que eram (e são) pessoas merecedoras de liberdade, igualdade e fraternidade, princípios estes, que naquele contexto lhes foram negado.

2. Combatendo o *diseño colonial* e rompendo do a *lógica colonial* e *eurocêntrica*

Sob este vies, salientamos os que ensina Mignolo (2001) quando diz que a história do conhecimento da forma como conhecemos perpassa e é marcada pelos caminhos ge-historicamente sendo sua valorização presumida. Não obstante, o conhecimento não é “abstrato e des localizado”¹². Por isso, é preciso que o eventual processo de descolonização ou decolonização epistêmica e metodologica seja extremamente necessária e importante para se combater o que chamamos de “*diseño colonial*”¹³ conforme Walsh (2001) ensina.

⁹ Para os autores e para fins deste artigo o termo tricotomia utilizado é no sentido de se referir a colonialidade do poder, do saber e do ser. O qual chamamos de tricotomia do saber colonial.

^{1*} O processo de colonização é um processo de pilhagem violenta e injusta das riquezas de nações pouco desenvolvidas militarmente em favor de algumas nações com poderio militar elevado. É esse processo historicamente só tem mudado de nome. Muda para ficar igual. Colonização, neocolonização... Na atualidade a prática de exploração e opressão tem sido chamada de “globocolonização” entendida como um fenômeno econômico e político violento, que empobrece o presente e o futuro da humanidade, decorre do imperialismo econômico que sufoca as economias e culturas, usurpa direitos de cidadania, pilha as riquezas das nações colonizadas em prol do bem estar das metrópoles colonizadoras, afrontando a soberania das nações exploradas, deixando para trás a pobreza, a miséria e um mal estar psicossocial nas populações exploradas que são alijadas da condição de cidadania pois os governos ficam com migalhas insuficientes para a garantia de ofertas de direitos como: educação de qualidade, saúde, moradia, trabalho aos seus cidadãos (MASCARENHAS, 2017, p. 188-189).

¹¹ Vede a *Carta de la transdisciplinarietà*- Coventoda de Arrábía, novembre de 1994. Sociología y Política. Nueva época. IV. México, ano, 1994.

¹² [...] La trampa es que el discurso de la modernidad creó la ilusión de que el conocimiento es des-incorporado y des-localizado y que es necesario, desde todas las regiones del planeta, 'subir' a la epistemología de la modernidad” (Mignolo, 2001, p. 51)

¹³ [...] la noción de las geopolíticas de conocimiento forma un eje crucial, tanto en la elaboración de una comprensión crítica de la diferencia epistémica colonial en la formación y transformación del sistema-mundo moderno/colonial en zonas periféricas como América Latina, como en la de establecer la relación entre historias locales y la producción de conocimiento (Walsh, 2001, p. 49)

Conhecer o sistema geopolítico que fora fabricado e imposto pelo movimento da modernidade deve ser uma postura de todo os pesquisadores que se propõem a romper com velhos paradigmas eurocêntricos. Através da desobediência epistêmica é possível (MIGNOLO, 2010). Segundo Mignolo (2010) romper com "a lógica da colonialidade por trás da retórica da modernidade" é possível através dos movimentos sociais ¹⁴.

Não podemos deixar de desvelar o eurocentrismo, pois, esse desvelar visa resgatar a nossa história como povo da América Latina que não fomos ou somos descobertos por ninguém, visto que nossos antepassados já existiam antes dessa falsa ideia de descobrimento¹⁵ colocada pelo colonizador europeu com sua ideologia eurocentrica e antropocentrica, considerando que se acham o centro do mundo. Estes atos, dentre outros ocasionaram o que Mascarenhas (2017) chama de epistemicídio¹⁶.

3. Notas sobre a metaepistemologia dos contextos.

Discorrer sobre a metaepistemologia dos contextos se mostra necessária e importante, considerando a necessidade de romper com os paradigmas do eurocentrismo com a finalidade decolonizar ou descolonizar¹⁷ o pensamento. No atual contexto civilizatório a ideia da metaepistemologia dentro da ciência é um ato de resistência para fins de sobrevivência contra todo o pensamento centrado no contexto europeu.

¹⁴ "Escusado será dizer que nenhum livro sobre a descolonialidade fará diferença, se nós (intelectuais, estudiosos, jornalistas) não seguirmos a vanguarda da sociedade política global emergente (os denominados "movimentos sociais") (Mignolo, 2017, p.6).

¹⁵ Os europeus inculcaram em nossas mentes ridículas como a adoção de uma história pronta que conceitua a vida na América antes de Cristóvão Colombo como uma "história pré-colombiana". Ora, antes de Colombo desembarcar na América em 12 de outubro de 1492 (um dado inventado também), não havia uma história aqui? Não havia pessoas? Os indígenas, os nativos não tinham sua cultura, seus saberes? Por que eurocentrar tudo? Colombo precisa ser o centro e o antecedente a ele mero "pré"? É como se a história americana houvesse surgido com a chegada de Colombo. Devemos rever nossos olhares, notadamente os professores brasileiros e amazônicos. Isso é ser decolonial [...] (TELES, 2017, p. 15).

¹⁶ Neste viés, Mascarenhas (2017) pontua que, tanto no Brasil quanto na África, a exploração dos colonizadores tinha por marca a truculência e escravização das pessoas. No caso dos índios, restou-lhes a opção de fugir para as profundezas da floresta quando podiam. Um instrumento para inferiorização de indígenas e de negros, nesse diapasão, foi a criação do conceito de raça, o que ajudava, por intermédio das hierarquias que passaram a existir entre pessoas, a justificar a exploração humana, em prol dos interesses do grupo militarmente superior. Esse desenrolar histórico propiciou à colonialidade do saber um completo eurocentrismo e o descarte da produção cultural indígena e afro, resultando em verdadeiro epistemicídio, (DA SILVA & MASCARENHAS, 2018, p. 209)

¹⁷ Vede artigo; GARCÍA, Elizabeth Gabriela Aguilar. **Rastreando el origen de las estructuras del conocimiento occidental fundadas en el racismo epistémico: Hacia una nueva propuesta para la descolonización del pensamiento.** Práxis. Revista de Filosofía n° 77. Enero-Junio-2018. ISSN: 1409-309X

De modo que, com essa resitência/existência, seja possível valorizar a identidade dos povos originários diversos e saberes milenares que sempre existiram e foram fragmentados ou ocultados das academias de ensino, seja por preconceito, seja por outros fatores de ordem oculta ou pelo rascimo epistêmico¹⁸. A busca por essa identidade implica reconhecer a domesticação doutrinária imposta pelo domínio colonial que nos formaram ou deformaram e incutiram em nossas mentes nos fazendo acreditar em fábulas e história pronta, implantada de acordo com inconfessáveis interesses imperialistas¹⁹ autoritários, depredadores, saqueadores e violentos.

Romper com a tricotomia do saber colonial é necessário para desconstruir e reconstruir histórias e identidades passadas no contexto do território atualmente conhecido nos mapas como “América Latina”^{20*} que antes de Colombo eram conhecidos como Anawak e Tawantinsuyu²¹, *Abya Yala*, *Terra Madura*, *Terra em florescimento*, e que na atualidade aos sobreviventes do massacre e genocídio é negado o direito à memória e a história de seus ancestrais inclusive o nome original do então territórios.

¹⁸ “[...] Ramón Grosfoguel (2013) sobre los procesos históricos que produjeron estructuras de conocimiento fundadas en el racismo epistémico. De acuerdo con este autor, el privilegio epistémico de las teorías eurocentradas que se reproduce en las universidades occidentalizadas es el resultado de cuatro genocidios/epistemicidios del largo siglo XVI: 1) contra la población musulmana y judía en la conquista de Al-Andalus, 2) contra los pueblos indígenas en la conquista del continente americano, 3) contra los africanos raptados y esclavizados en América, y 4) contra las mujeres quemadas vivas acusadas de brujas en Europa. (GARCÍA, 2018, p.2)

¹⁹ Se propone a la meta epistemología de contextos como alternativa al colonialismo intelectual imperante en la academia latinoamericana recuperando el sumo respeto que le tienen a la naturaleza los pueblos originarios e incorporarlo en la construcción del conocimiento sin velado neoeurocentrismo, racismo epistémico e imperialismo. (GARCÍA, 2018, p.1)

²⁰ Vede o livro: **História da América Latina: Cinco Séculos** (temas e problemas) / Cláudia Wasserman (Coord.): Benito Bisso Schmidt [...et al.]-3.ed. - Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

²¹ [...] Debruçar-se sobre o conceito de América Latina requer ampla percepção histórica acerca da constituição das idéias no continente americano. Em *La Idea de América Latina. La herida colonial y la opción decolonial*, o argentino Walter D. Mignolo, um dos mais destacados intelectuais pós-coloniais, adota uma postura crítica em relação a esse tema: do surgimento da palavra América até o seu desenvolvimento em América Latina, estão em jogo tanto os interesses dos impérios coloniais a fim de preservar e ampliar seus domínios territoriais quanto o das elites locais criollas, que ensejavam marcar diferença em relação aos índios e aos afro-americanos apropriando-se do pensamento europeu. 2. Fruto da expansão comercial européia e da missão cristã do século XV, a conquista do chamado — a partir de então — Novo Mundo abre uma etapa de imposições culturais sem precedentes: os colonizados foram forçados a absorver os valores europeus e assimilar sua língua, ao passo que os colonizadores pouco ou nada consideraram da cosmovisão dos habitantes locais. A matriz colonial de poder negou brutalmente a percepção dos dominados. Invenção européia, a idéia de América trazia consigo a marca da façanha de Vespúcio e, no mesmo movimento, ignorava topônimos locais como **Tawantinsuyu**, Anáhuac e Abya-Yala que se referiam àquelas terras. Os mapas europeus e a Igreja Católica foram dois dos instrumentos que consolidaram tal matriz. Inútil esclarecer: os “nativos” não tinham qualquer motivo para se reconhecerem da forma como os cristãos europeus determinaram. Todavia, de uma hora para outra, eles se tornaram bárbaros, pagãos, incultos: eis o que nos “informa” o paradigma da descoberta da América, narrativa a louvar uma Europa triunfal e vitoriosa. A esta grade analítica Mignolo opõe a invenção da América, cujas finalidades são, entre outras, interrogar a epistemologia e a política presentes no pensamento ocidental e, no momento seguinte, explorar as inúmeras versões históricas de corpos e de lugares subalternizados pela colonialidade. (MACHADO, 2014, p. 1)

Nos foi passado uma história sem honra, sem glória e autonomia²² como se nossos antepassados nada tivessem construído para a humanidade. Temos direito à História, à nossa identidade ancestral. O sistema escolar atual silencia, anula e torna invisível a honra, glória e autonomia da história de nossos ancestrais e enaltece as culturas europeias como as salvadoras da humanidade, impondo este pensamento único²³ platônico.

Acessar à memória ancestral resignificá-la, ativá-la e integrá-la em nosso psiquismo nos assumindo como almas antigas testemunhas dos acontecimentos em pé de igualdade²⁴ com todas as almas. Não há dignidade em ser colonizador nem colonizado. Nossos antepassados foram sábios para sobreviver e sobrevivem em nós. Defendemos uma outra²⁵ epistemologia e civilização o qual reincorporem o supremo respeito ao cosmos, a natureza e aos povos originários. Neste sentido, como autodeterminados integramos e ativamos em nós os saberes e história de nossos ancestrais milenares e respeitamos e integramos o legado ocidental europeu e africano que também nos constitui biologicamente.

A continuidade de estudos na área poderá aportar novos conhecimentos epistemologicamente sistematizados sobre o tema. O curso ministrado de forma virtual a acadêmicos convidados pela UNAM, FES Iztacala, México, “La Complejidad”²⁶ contribuiu de forma efetiva e intelectual para construir o espírito deste manuscrito que tem a proposta²⁷ de descolonizar ou decolonizar o pensamento e a existência nesses territórios amazônicos milenares.

²² Vede: FUENTES SÁNCHEZ, Waldo Lao. **Autonomías indígenas**: resistencias y luchas por el reconocimiento en Nicaragua y México. Buenos Aires: El Colectivo, 2019.

²³ Apostrá por un pensar descontextualizado, emancipado de la temporalidad, ávido la eternidad, como en sun momento haría Platón, si bien constituye la condición de posibilidad de la ciencia natural, **prefigure, no obstante, el pensamiento único** [nefritas anadidas]. (SERNA, 2011, p.172)

²⁴ Para lograr lo anterior, se propone un desbordamiento epistemológico que permita la apertura a distintos saberes, que en igualdad y respeto, participen en la creación de una nueva civilización. (GARCÍA, 2018, p.19)

²⁵ Otra epistemología y civilización que reincorporen el sumo respeto que le tienen al cosmos y a la naturaleza los pueblos originarios. Esta nueva propuesta llamada “meta-epistemología de contextos” tiene como ejes centrales el diálogo fraterno con otros saberes más allá de lo instituido -sin velado neo-eurocentrismo, racismo epistémico e imperialismo y el respeto sagrado a la vida entrelazado con la construcción del conocimiento. (GARCÍA, 2018, p.19-20)

²⁶ LARA, J. V. **Curso Complejidad**, Universidad Nacional Autónoma de México, FES Iztacala, via ZOOM, Setembro e Outubro, 2021, Anotações não publicadas

²⁷ En suma, esta propuesta se encamina a la descolonización del pensamiento que dé lugar a la creación de una nueva civilización no imperial que establezca, en condiciones de igualdad para todos, un puente entre los conocimientos, saberes y sabidurías de las distintas civilizaciones que tengan como eje central el sumo respeto que le debemos a la naturaleza. Esto adquiere especial relevancia ante los desequilibrios ecológicos del cambio climático que estamos presenciando en nuestros días. (GARCÍA, 2018, p 21)

E sob a perspectiva do três níveis²⁸ de operação do diálogo que a metaepistemologia dos contextos nos possibilita compreender e transitar, a saber: el nivel intra- occidental²⁹, el nivel extra- occidental^{3*} y el inter- civilizacional³¹, podemos em pé de igualdad epistemológica dialogar e contestar a filosofia eurocêntrica do pensamento único pela decisão³² de defender “El contexto de todos los contextos: El respeto sagrado a la vida” (GARCÍA, 2018, p.21). A complexidade é um paradigma que faz frente ao paradigma dominante. Podemos afirmar que o paradigma da complexidade proporciona a liberdade e autodeterminação. Em outras palavras. Somos livres³³ por estarmos (auto) determinados e somos (auto) determinados por sermos livres por natureza.

²⁸ Los tres niveles operativos de esta propuesta son: 1) el intra-occidental, el extra-occidental y el inter-civilizacional. (GARCÍA, 2018, p.20)

²⁹ El nivel intra-occidental. Se refiere al ámbito endógeno de occidente que no detecta ni trasciende sus paradigmas que lo estructuran: a) separación metafísica de la realidad, b) desacralización de la naturaleza, c) fragmentación conceptual de la realidad y d) antropocentrismo. Además de los cinco dogmas centrales del eurocentrismo ya señalados. En este ámbito predomina un pensamiento contra natura, androcéntrico, racial e imperial (Lara, 2018, 405, apud, GARCÍA, 2018 p.20)

^{3*} El nivel extra-occidental. En este nivel, primeramente, debemos hacer una precisión, cuando nos referimos al término extra occidental, no lo hacemos de un modo ontológico, como si hubiera una realidad aparte, ya que no hay una exterioridad absoluta a occidente, ni a la inversa: una influencia absoluta de occidente en otras culturas. Solamente lo utilizamos en un sentido operativo, como apertura a otros saberes no occidentales. Ahora bien, Lara (2018, p.411) señala, que el tener una mirada extra occidental le fue posible gracias a su condición de mestizo², la cual permite ser sujeto y objeto en la observación tanto de la cultura indígena como de la europea, condición a la que la autora de este artículo también se suscribe. La situación bi-civilizacional que nos estructura como sujetos epistémicos mestizos nos da un ángulo de exterioridad y, a la vez, de interioridad respecto a la tradición occidental, ángulo del que carecen el europeo y el criollo. Asimismo, dicha situación posibilita una mirada más amplia y alterna que enriquece los esfuerzos para la descolonización del pensamiento, asumiendo en igualdad y respeto las dos civilizaciones que nos conforman, sin negar o ponderar una respecto de la otra. De aquí la importancia de develar las diferentes identidades de los sujetos epistémicos que construyen el conocimiento y que comúnmente quedan invisibilizadas en la academia: criollos, mestizos, indígenas, europeos, afroamericanos, etc. Cabe resaltar que, no entendemos estas identidades como esencialistas o cerradas en sí mismas sino como dinámicas, flexibles, provisionales y ajustables a las experiencias de los sujetos (Lara, 2018, p.411, apud, GARCÍA, 2018, p.20)

³¹ El nivel inter-civilizacional. Este plano abre el espectro de la epistemología occidental a la emergencia de una meta epistemología de contextos donde el contexto se amplifica a un nivel de mayor abstracción: el civilizacional. Así, ya no hablaremos solamente del contexto social o cultural sino también del civilizacional que usualmente se invisibiliza en la academia occidental. Aquí se incorporan los distintos conocimientos, saberes y sabidurías gestados en otras civilizaciones en condiciones de igualdad, sin privilegios epistémicos y teniendo como eje central el respeto sumo a la naturaleza y a la vida. De esta manera, el conocimiento adquiere también el carácter de “sagrado” al quedar vinculado y en armonía con el cosmos (Lara, 2018, p.414, Apud, GARCÍA, 2018, p.20)

³² La decisión es nuestra, podemos seguir alimentando el proyecto de muerte de occidente, neoliberal, antropocéntrico, depredador y desacralizador del medio ambiente o retornar al proyecto de vida de los pueblos originarios, reestableciendo el contacto y el respeto sagrado a la vida y al cosmos. (GARCÍA, 2018, p.22)

³³ Este, como objeto matemático es la representación gráfica de la dinámica de un sistema no lineal dado, pero tomado en sentido epistemológico indica que el sistema posee un autorregulador singular, puesto que “ordena” el comportamiento sin someterlo a una determinación (absoluta). Es decir, que ni es libre ni determinado sino ambas cosas a la vez: es libre por estar (auto)determinado y está (auto)determinado por ser libre. (MUNNE, 2004, p.30)

Neste viés, “Não poderemos eliminar a desgraça nem a morte, mas podemos aspirar a um progresso nas relações entre humanos vivos de carne e ossos, espírito, grupos, etnias, nações [...]. A renúncia ao melhor dos mundos não é, de modo algum, a renúncia a um mundo melhor. (MORIN, 1997, p. 29). Advogamos que o pensamento complexo³⁴ é um caminho a ser considerado tendo em vista a multiplicidade e possibilidades de construirmos uma práxis do repensamento crítico decolonial.

Neste sentido, Arias (2012) defende que para construirmos um efetivo "repesamiento crítico decolonial" é necessário interpelar, ao mesmo tempo, as teorias e as metodologias a partir de um enfoque decolonizador baseado na "pluridiversidad" e no "calor de las sabidurías del corazón" (Arias, 2012, p.224). E como podemos construir isso? A través de uma nova política de civilização que possibilite a troca do diálogo³⁵ e escuta entre os atores, ou seja, diálogo e escuta uns com os outros.

Não obstante, é necessário salientar que “Uma nova política de elevação da consciência humana conta com a reforma do pensamento que integra e não isola ou fragmenta e conta com a produção inclusiva de saberes contextualizados, que considera a importância das conexões e inter-relações das partes e do todo. (PETRAGLIA, 2008, p.39)

4. Considerações finais

Considerando o exposto, compreendemos não somente através deste, mas, possivelmente, através da educação que potencialize rupturas que visam a “desconstruir para reconstruir” uma nova ordem de se compreender interdisciplinarmente a realidade e complexidade humana. Que devolve a capacidade de exergar o ser humano e natureza como atores de uma dimensão metaeducacional cósmica e não fragmentada.

Para o contexto das Narrativas Sobre *Decolonialidad y Complejidad Desde La Metaepistemologia de Contexto*. Este manuscrito busca apresentar uma outra perspectiva sobre a história da humanidade, trazendo diferente dinâmica para reflexões sobre a temática visando uma nova construção e contribuição decolonial para a ciência da educação. (CÂMARA, 2021, p.1).

³⁴ El pensamiento complejo viene a romper con la unilinealidad, la unilateralidad del pensamiento científico; a integrar de manera compleja, en el sentido de tejer conjuntamente (complexus) elementos provenientes de la concepción sistémica, cibernética y de la teoría de la información, recuperados a favour de que cualquier estudio de la experiencia humana se haga en forma multifacética y multirreferencial (JUÁREZ, CORBONI SALINAS, 2012, p.42-43)

³⁵ (...) en un continuo diálogo y escucha de y con los otros; y se los caminos hay que construirlos; y se a caminar sólo se aprende caminando; a investigar sólo se aprende investigando; la investigación lo aparece así como un acto de alteridad que permite el encuentro dialogal de nosotros con los otros (ARIAS, 2010b, p. 492).

Com *venia*, “Esse texto é apenas um ponto de partida. Caso desejemos nos aprofundar na temática, é necessário novos estudos tanto nos autores citados, quanto em outros que vêm produzindo na área [...]” (OLIVEIRA, 2021, p.33). Defendemos que a educação³⁶ e a complexidade estão imbricadas.

Diante o exposto, “Por fim, acredita-se que as questões levantadas neste artigo e o objetivo proposto encontrarão sempre necessidade de novas indagações, reflexões e respostas provisórias para o sujeito *cognoscente*. Novos trabalhos são necessários nesta empreitada, ficando esta necessidade como sugestão para futuras pesquisas. (SILVA E MASCARENHAS, 2018, p. 230).

Como seres multidimensionais de origem milenar trazemos em nosso DNA todos os conhecimentos da espécie humana. Somos seres humanos vivos de carne, ossos, espírito, parte da natureza com direitos naturais inalienáveis. O direito se exerce. Aprender ou lembrar que somos natureza e reaprender a exercermos os direitos naturais à liberdade, igualdade, dignidade, memória, vida, plenitude, soberania, autodeterminação, saúde plena, intimidade, criação, expressão. Ser e estar na natureza e na história humana com liberdade, autodeterminação, soberania sobre a própria vida e escolhas.

³⁶ Trata-se de aprender a condição humana por meio das articulações entre unidade e diversidade intrínsecas aos seres, considerando as inter-relações dos conhecimentos dispersos em disciplinas ou áreas estanques como ciências naturais, humanas, filosofia, arte, religião. Tais conhecimentos serão pertinentes se puderem constituir-se a partir de relações mútuas e influências recíprocas e complementares entre as partes e o todo complexo. O pensamento complexo nos possibilita questionar e conhecer os próprios modos de conhecer, como também nos permite melhor situá-los nas instituições educacionais. Um tipo de pensamento, oriundo de uma epistemologia complexa, que se propõe a unir e não separar os diferentes aspectos do conhecimento questiona a fragmentação e as insuficiências das especializações como soluções unívocas. Propõe relações e solidariedade na conjugação da ciência com as culturas, das artes e a filosofia, para a construção de uma educação cidadã, comprometida com a formação de sujeitos planetários, éticos e mais felizes. Da relação educação e complexidade, destacamos algumas idéias que julgamos importantes para que professores e estudantes levem em conta no processo auto-eco-organizador. São elas¹, as noções de sujeito e homo complexus que habitam os seres humanos; a importância da utilização de diversas linguagens no processo de ensino e aprendizagem; a presença da dialógica na vida até a morte, com suas contradições insuperáveis; a relação dos conhecimentos que culmina com a transdisciplinaridade; a difícil convivência com a incerteza, já apontada anteriormente; a auto-ética que se quer desenvolver e aprender e, para tanto, a proposição de uma reforma do pensamento que associe o linear ao complexo. (PETRAGIA, 2008, p.36)

Referências

ARIAS, P. G. (2010a). **Corazonar el sentido de las epistemologías dominantes desde las sabidurías insurgentes, para construir sentidos otros de la existencia** (primera parte). Calle 14 Revista De investigación En El Campo Del Arte, 4(5), 80-95. <https://doi.org/10.14483/21450706.1205>

ARIAS, P. G. (2010b). **Corazonar. Una Antropología Comprometida Con La Vida**. Miradas otras desde Abya-Yala para la decolonización del poder, del saber y del ser. Quito: Universidad Politécnica Salesiana.

ARIAS, P. G. (2011). **Corazonar la dimensión política de la espiritualidad y la dimensión espiritual de la política**. Alteridad 10. Revista de Ciencias Humanas, Sociales y Educación, No 10. <https://doi.org/10.17163/alt.v6n1.2011.02>

ARIAS, P. G. (2012). **Corazonar desde el calor de las sabidurías insurgentes, la frialdad de la teoría y la metodología**. Sophia: Colección de Filosofía de la Educación: Universidad Politécnica Salesiana del Ecuador, 13, 199-228. <https://www.redalyc.org/pdf/4418/441846102009.pdf>.

CÂMARA, Igor. **Um discurso sobre a importância da Autonomia e Ética docente no contexto do ensino- aprendizagem**. Anais do Encontro Virtual de Documentação em Software Livre e Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online, [S.l.], v. 9, n. 1, nov. 2020.

CASTRO-GÓMEZ, S., GROSFOGEL, R. (coords.). (2007). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre, Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar.
ESTRADA, Juan Antonio. **Imágenes de Dios**, Trotta, Madrid, 2003.

FUENTES SÁNCHEZ, Waldo Lao. **Autonomías indígenas: resistencias y luchas por el reconocimiento en Nicaragua y México**. Buenos Aires: El Colectivo, 2019.

GARCÍA, Elizabeth Gabriela Aguilar. **Rastreado el origen de las estructuras del conocimiento occidental fundadas en el racismo epistémico: Hacia una nueva propuesta para la descolonización del pensamiento**. Práxis. Revista de Filosofía nº 77. Enero-Junio-2018. ISSN: 1409-309X

JUÁREZ, José Manuel; COMBONI SALINA, Sonia **Epistemología del pensamiento complejo**. Reencuentro, núm. 65, diciembre, 2012, pp. 38-51 Universidad Autónoma Metropolitana Unidad Xochimilco. Distrito Federal, México

LARA, J. V. **Curso Complejidad**, Universidad Nacional Autónoma de México, FES Iztacala, via ZOOM, Setembro e Novembro, 2021, Anotações não publicadas.

LARA, J.. (2018). **Introducción a la meta epistemología de contextos**. Um Nuevo paradigma en las ciencias sociales y del hombre. En Prensa.

MACHADO, João Victor Sanches da Matta. **Para (re) pensar a América Latina: a vertente descolonial de Walter D. Mignolo**. Espaço e Economia: Revista brasileira de geografia econômica [Online], v. 5, n. 3, 05 dez. 2014. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/espacoeconomia/899>>. Acesso em 28 de nov. 2019.

MALDONADO -TORRES, N. (2007). **Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto**. In: Castro-Gómez, S., Grosfoguel, R. El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá. Siglo del Hombre Editores; Universidad Central; Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana; Instituto Pensar.

MALDONADO-TORRES, N. (2009) “**A Topologia do Ser e a Geopolítica do Conhecimento: modernidade, império e colonialidade**”. In: Santos, B.; Meneses, M. (orgs.). Epistemologias do Sul. Coimbra: Almedina. VII Encuentro de Estudios Sociales desde América Latina y el Caribe 19319

MASCARENHAS, S. A. N. **Amazônia: identidade histórico-cultural, cidadania e descolonização – desafios do ensino**. RECH – Revista de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem-Estar, Humaitá, v. 1, n. 1, pp. 187-200, jul-dez. 2017. Disponível em: <http://www.cw7.info/index.php/?pagina=148>. Acesso em: 4 ago. 2018.

MIGNOLO, W. (2002). **The geopolitics of knowledge and the colonial difference**. The South Atlantic Quarterly, 101, (1), 57-95. http://www.unice.fr/crookall-cours/iup_geopoli/docs/Geopolitics.pdf

MIGNOLO, W. (2007). **La idea de América Latina. La herida colonial y la opción decolonial**. Barcelona: Gedisa. Mignolo, W. (2010). Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad. Argentina: Ediciones del Signo.

MIGNOLO, W. (2017). **Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 32(94), e329402. Epub June 22, 2017. <https://dx.doi.org/10.17666/329402/2017>

MUNNÉ, Frederie. **El Retorno de la Complejidad y la Nueva Imagen del Ser Humano: Hacia una Psicología Compleja**. Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology - 2004, Vol. 38, Num. 1 pp. 23-31.

OLIVEIRA, Victor José Machado de. STREIT, Inês Amanda, AUSTRAN, Roseanne Gomes. **Tres Movimentos Reflexivos Sobre a Educação Física, Saúde e Escola: Desafios Pedagógicos**. Revista Humanidades e Inovação v.7, n.10 – 2020.

PETRAGLIA, Izabel. **Educação complexa para uma nova política de civilização**. *Educar, Curitiba, n. 32, p. 29-41, 2008. Editora UFPR*

PORTO GONCALAVES, C. W. (2005). **Apresentação da edição em português**. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-**

americanas. Edgardo Lander (org). **Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina.** <https://www.ufrb.edu.br/educacaodocampocfp/images/Edgardo-Lander-org-A-Colonialidade-do-Saber-eurocentrismo-e-ci3AAncias-sociais-perspectivas-latinoamericanas-LIVRO.pdf>

QUIJANO, A. (1992). **Colonialidad y modernidade-racionalidad.** In: Bonfía, Heraclio (Compilador). Los conquistados. 1492 y la población indígena de las Américas. Bogotá: Tercer Mundo Editores, 1992.

QUIJANO, A. (2005). **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: A colonialidade do saber, Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas Latino-americanas.** Buenos Aires: CLACSO. http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf

SERNA, J. (2011). **Las apuestas perdidas de occidente: Universales, inmortalidad y culto al presente.** Barcelona: Anthropos.

SILVA, Adan Renê Pereira da ; MASCARENHAS, Suely Aparecida do Nascimento . **Implicações do pensamento decolonial para a educação Amazônica.** Revista Multidebates, v. 2, p. 202-218, 2018.

SILVA, Adan Renê Pereira da; MASCARENHAS, Suely Aparecida do Nascimento. **Educação como arte: reflexões kantinianas sobre infância e pedagogia.** Revista Humanidades e Inovação, v. 5, p. 35-44, 2018

SPYER DULCI, T. M. ., & ROCHA MALHEIROS, M. (2021). **UM GIRO DECOLONIAL À METODOLOGIA CIENTÍFICA: APONTAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS PARA METODOLOGIAS DESDE E PARA A AMÉRICA LATINA.** Revista espirales, 174–193. recuperado de <https://revistas.unila.edu.br/espirales/article/view/2686>.

TELES, T. R. **Mudar o discurso: por uma decolonialização da mente docente na Amazônia.** Revista de Educação, Ciência e Cultura, Canoas, n. 2, jul. 2017. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/3590>. Acesso em: 01 ago. 2018.

VARGAS-LARA, J. **Meta- Psicología de contexto.** Disponível em: https://psicologia.iztacala.unam.mx/cambio_curricular/periodosilva/subprogramas/meta-psicologia.htm. Acesso. 28/9/2021.

WALSH, C. (2001). **Entrevista a Walter Mignolo sobre "Las geopolíticas del conocimiento en relación a América Latina.** Comentario Internacional. Revista Del Centro Andino De Estudios Internacionales, (2), 49-64. <https://revistas.uasb.edu.ec/index.php/comentario/article/view/241>

WALSH, C. (2009). **Interculturalidad, Estado, Sociedad: Luchas (De)coloniales de Nuestra Epoca.** Universidad Andina Simon Bolivar: Quito.

WASSERMAN, Cláudia (Coord.). **História da América Latina: Cinco Séculos** (temas e problemas) / Cláudia Wasserman (Coord.): Benito Bisso Schmidt [...et al.]- 3.ed. - Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

Recebido: 30/09/2021. Aceito: 15/12/2021.

Autores:

Igor Câmara

Mestrando PPGE/UFAM, Brasil

E-mail: camaradearaujo12@gmail.com

Jesus Lara Vargas

Docente/UNAM, FES Iztacala, México.

E-mail: jesuslaravargas@hotmail.com

Suely Mascarenhas

Docente PPGE-UFAM, PPGECH-UFAM, Brasil.

E-mail:suelyanm@ufam.edu.br